

AMBIENTE ESCOLAR

Daniela de Lima Carvalho Pereira.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

Resumo

Mediar os conflitos da sala de aula é algo difícil e a falta de conhecimento dos profissionais para essas situações conflituosas agrava o problema. Pesquisar sobre este fenômeno dos conflitos contribui para entender as interações sociais nas escolas e para melhorar o ambiente educativo. Para conviver em harmonia é necessário uma estratégia integrada da escola, com regras construídas pela comunidade escolar, sem esquecer os próprios alunos, possibilitando a melhoria do ambiente escolar.

Palavras-chave: Ambiente escolar; relações interpessoais; conflitos.

Introdução

O homem é por natureza um ser social que vive e depende do outro para sobreviver e ao longo de sua história buscou conhecer a si mesmo e o outro e o mundo ao seu redor, interagindo com o ambiente, apropriando-se do que já havia sido construído para continuar construindo novos conhecimentos, pois não se produz conhecimento sozinho, mas sim na interação do sujeito com o objeto.

O ambiente escolar é um espaço de aprendizagem e conquistas, onde se constrói conhecimento de inúmeras maneiras e se educa para a cidadania, responsabilidade e autonomia. A educação através da escola tem a finalidade de firmar compromisso e impor possibilidades, e por sua completude se torna abrangente e, por sua vez, complexa.

É na infância que se inicia a socialização, a partir do convívio familiar e ampliando-se através das interações com o outro no ambiente escolar, que pode ser vista de perto pelos agentes educativos, pois o cotidiano dá a oportunidade de observar o contexto da evolução da socialização durante um longo período. Em seus estudos Rego (1995) cita Vigotsky, onde o mesmo “atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das mais significativas contribuições das teses que formulou está na tentativa de explicar como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído” (REGO, 1995, p. 56).

O ambiente escolar proporciona uma mistura de interação e nela ocorre o convívio com inúmeras crianças que já trazem na sua bagagem uma experiência da relação familiar. Assim, é a escola que constrói o aprendizado, onde o aluno traz consigo raízes para sala de aula e conviver nesse ambiente rico de cultura traz um olhar diferenciado para vários aspectos sociais. A escola traz no convívio social diário, aspectos familiares demonstrando a variedade cultural e educacional que abarca a sala de aula, componente familiar bastante significativo e que pode influenciar a educação, pois quando o ambiente social na escola é deficitário a família é convidada a participar e assim pode mostrar caminhos para que seja construída de forma participativa.

O convívio diário com crianças traz relações com os alunos, e essa é a maneira de obter um relacionamento agradável no ambiente de trabalho, para que o convívio flua e as aulas possam se tornar algo produtivo. Para tanto, é necessário que o aluno tenha um relacionamento de respeito com o professor para que ambas as partes possam se sentir a vontade. A partir de um bom relacionamento quanto o crescente envolvimento dos alunos nas atividades, fazendo com que a construção do conhecimento melhore gradativamente.

O trabalho com respeito e compreensão é importante, pois traz junto a ele um convívio de afetividade em uma relação saudável. Segundo Mosquera e Stobäus (2004): “Um professor que busca uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2004, p. 106).

Ser um profissional de excelência não significa escrever e comunicar bem e/ou saber todos os conteúdos da disciplina, é importante perceber o outro com dedicação e afeto, respeitando seu momento, espaço e valores para crescimento pessoal. “A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação” (GRILLO, 2004, p. 78).

Nesse convívio diário surgem as afinidades, amizades e o convívio torna-se algo muito importante nesse ambiente relacional de troca de conhecimento, de partilha e de atitudes que ajudam um ao outro. Pode ser também um lugar de conflito, pois nem todos gostam das mesmas coisas, existem diferenças comportamentais e atitudes que podem gerar situações de desigualdade e conflito. Situação que deve ser vista como momento de reflexão e aprendizagem sobre o funcionamento dos ambientes. “A ação humana é orientada por valores e princípios, que representam um julgamento. O desenvolvimento dos sentimentos, crença, valores e princípios é o que chamamos de desenvolvimento moral” (VINHA, 2000, p. 38). Ter uma relação de afeto com o professor faz a relação professor vs. aluno ser grandiosa, e o aprendizado ser melhor e mais proveitoso. Segundo Mosquera e Stobäus (2004), a “grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas” (2004, p. 92).

Numa perspectiva de territorialização educativa, os professores devem ter em consideração outros elementos da comunidade escolar, onde o pessoal auxiliar e de gestão do espaço escolar desempenham um papel importante na construção de ambientes escolares agradáveis (SERRÃO; SALEMA, 2015; BENAVENTE et al., 2016). Ser cordial com todos os funcionários da escola representa um convívio harmonioso e completo. Se as relações não estiverem equilibradas no espaço escolar, faltará motivação e o trabalho pode representar prejuízo, tanto para as crianças, como para o professor, bem como para a administração e outros setores que desenvolvem tarefas importantes na escola.

O adulto é modelo para a criança em que normalmente se espelha quando o assunto é atitudes, então, cumprimentar, tiver cordialidade e atitudes de respeito, será reproduzido pelas crianças, pois as mesmas presenciam. Apesar disso, a vida corrida faz com que as pessoas se distanciem e busquem ficar sozinhas, e nesse isolamento esquecemo-nos de empregar valores e respeito essenciais para manter relações cruciais com o outro. Acarretando convívio mais superficial, ocorrendo o distanciamento do relacionamento em grupo, que traz segurança e bem-estar.

O convívio social traz regras de relacionamento impostas pela sociedade, numa lógica do conceito de “fato social” de Durkheim (2010), onde o ambiente escolar traz suas regras e que na ação escolar a “educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando, antecipadamente, na alma da criança as alianças fundamentais exigidas pela vida coletiva” (DURKHEIM, 2010, p.13). A vida coletiva na escola é algo normal, a troca de experiências, o respeito e a opinião do outro devem ser vistos como

regras fundamentais para o ambiente escolar. A escola promove a socialização, concretiza regras em espaço coletivo e comum a todos, também é responsável não apenas pela difusão de conhecimentos, mas pela transmissão dos valores de uma cultura entre gerações, como afirma Martin-Baró (1992).

As relações interpessoais no ambiente escolar nem sempre acontecem de maneira positiva, principalmente em um ambiente em que muitas vezes há competição e falta de comunicação entre os mesmos, o que acaba prejudicando o ambiente de troca de experiência. O convívio agradável possibilita momentos de partilha de dúvidas e certezas, busca de possibilidades e um ambiente de trabalho agradável.

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO E SUAS SANÇÕES.

A escola tem um papel fundamental na formação social do indivíduo, tendo como objetivo proposto, organizar situações de convívio sociais através do recreio, jogos e trabalhos grupais, para que assim, um cidadão comprometido consigo mesmo e com o outro seja formado. Assim sendo, formar um cidadão em uma escola que ofereça a todos um espaço ideal de conversa e compartilhamento de opiniões ainda está longe de acontecer. Apesar da perspectiva da escola ser trabalhar juntamente com a comunidade, para que a mesma possa participar do processo de ensino aprendizagem das crianças. Bock (2002) enfatiza que a Psicologia, no âmbito da educação, foi construindo formas de compreensão do ser humano. Tais condutas no espaço escolar são compreendidas a partir das relações que se estabelecem entre si, e dando atenção às diferentes subjetividades construídas na relação com a cultura e a sociedade.

O maior desafio da escola é a construção do social através da empatia no processo de ensino-aprendizagem que perpassa a convivência, pois se deve levar em consideração todo percurso histórico familiar. Em um ambiente escolar, o convívio social se faz a todo instante, muitas pessoas se encontram no mesmo espaço físico, mas com histórias de vida e credences diferentes. Tudo isso em um ambiente tão diversificado, onde existe a possibilidade de divergências conflituosas, pois cada um tem opiniões diversificadas sobre muitas situações do cotidiano. É nesse contexto que o conflito poder ser iniciado, pois o conflito de ideias é diverso.

Segundo Neves (2011, p. 582) para que o conflito aconteça é necessário que uma das partes interprete de maneira equivocada e que haja uma

forma de interação ou interdependência entre as partes. No ambiente escolar esse tipo de atitude é algo comum, pois é um espaço de reflexão onde todos tem o direito de opinar e refletir sobre suas ideias e buscar melhorar ou intensificar e justificar o que defende e pensa. O conflito é visto como algo negativo, porque alguns profissionais que ainda não conhecem toda a dinâmica de resolução do mesmo podem não entender e pensar no conflito como algo difícil de lidar. Mas é a partir dele que se conseguem avanços em relação a algumas situações. É no conflito que se pode pensar nas atitudes e refletir sobre o ato do real conflito. “Alguns autores referem-se ao conflito de forma negativa, associando-o a uma ideia de perigo ou de malefício” (NEVES, 2011, p. 582).

O conflito deve ser visto como inevitável num local como a escola, onde as crianças convivem diariamente, então devem acontecer com frequência e serem resolvidos pelas crianças com a orientação e mediação de um adulto. Ortega Ruiz (2002) defende que o “conflito é uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal em face de uma situação que afeta mais do que um indivíduo. Quando as pessoas têm um estatuto social semelhante e capacidade para se enfrentarem na dita situação, estão em condições de afrontar conflitos e de resolvê-los criativamente” (AMADO; FREIRE, 2002, p. 24).

Na escola o conflito acontece através de uma conversa com divergências de opiniões que através do diálogo podem ser resolvidos, mas há aqueles com agressões verbais e físicas que uma intervenção mais séria de um adulto deve ocorrer para que o respeito prevaleça e que atitude não se repita. Quando eles acontecem à escola deve ter em seu regimento interno sanções que possam levar o aluno a refletir sobre seus atos, e podem ser construídas no ambiente escolar pelos funcionários e alunos da própria escola ou serem deferidas pela direção e professores. As sanções são realizadas dentro da escola para que a mesma tenha regras que não possam ferir a integridade física e moral de todos que nela convivem apesar da escola ter o dever de agir dessa maneira. Entretanto, algumas muitas vezes são vistas como punições.

Apesar de ter obrigação de construir essas regras internas que muitas vezes põe ordem, disciplina e respeito naquele espaço, à escola deve estar atenta, porque as sanções previstas no regimento escolar não podem afrontar os princípios fundamentais e constitucionais (assegurados a todo cidadão), e em especial à criança e o adolescente, que tem o direito de acesso e permanência no ambiente escolar.

A resolução do conflito perpassa pelas conversas para construções de estratégias que possam entender o processo de mediação e assim caminhar junto com a criança na busca de resolução de conflito de maneira harmoniosa e bem

sucedida. Negociar a sanção pretendida a cada caso de violação de direitos dentro da escola é uma estratégia de resolução usada nas escolas como busca de solução. “A escolha de soluções para resolver a diversidade conflituosa, é função de uma multiplicidade de condicionantes, entre as quais se destacam a natureza do objeto da divergência, as características das partes e o tempo disponível.” (NEVES; CARVALHO, 2011, p. 595).

Os conflitos mais simples e que todos da escola tomam conhecimento devem ser conversados em sala para que todos saibam o que aconteceu e para que cada um possa pensar em que maneira resolver, mesmo sem direcionar as crianças ao caso ou relatar o nome das mesmas para que não sejam expostas no grupo. Dessa maneira pode gerar uma discussão, uma conversa para que assim não venha ocorrer o mesmo conflito futuramente. Segundo Ballenato (2008, p. 142) existem alguns fatores fundamentais para uma resolução adequada de problemas, como utilizar o diálogo, aproveitando adequadamente a comunicação como um instrumento útil para pedir opiniões.

Assim sendo, o diálogo é uma estratégia para a resolução de conflito quando, diante dele, algumas crianças não conseguem relatar o acontecido. Ela precisa de tempo para falar, outras só falam com um adulto de sua confiança, atitude normal e que deve ser respeitada, pois a criança está em uma situação de constrangimento e precisa de apoio e confiança para conversar. Para que as estratégias de resolução de conflito avancem é necessário compreender o outro e se colocar no lugar dele é imprescindível para que seja resolvido. O adulto deve mediar de maneira harmoniosa, ouvindo as duas partes e tentando ser imparcial para que pensem e resolvam da melhor maneira. Ou seja, “a mediação é uma forma de resolver os conflitos, em que as duas partes em confronto recorrem a uma terceira pessoa imparcial, que neste caso é o mediador” (TORREGO, 2003, p. 5).

Normalmente o mediador do ambiente escolar é o professor que busca, através de estudos sobre moralidade, mediação e resolução de conflitos, intercedendo diante das situações diversas que acontecem dentro da escola.

1.5 INTERAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

A história social do ser humano está cheia de acontecimentos marcantes que buscam traçar caminhos ainda não estudados. Tem-se um mundo marcado por divisões sociais e que ainda vive extremas mudanças radicais, o que muitas vezes a sociedade não percebe. Na perspectiva das ideias de Comte (1890) se entendia que os estudos sociais deveriam ser pautados como os estudos das demais matérias das ciências naturais. Seria por meio do método científico que as normas e as regras gerais dos fenômenos sociais seriam entendidas, o que nos daria o poder de intervir nos problemas sociais de forma a resolvê-los e eliminá-los de nossa convivência.

A sociologia é uma ciência que estuda o homem que, por sua vez, faz parte da sociedade, o comportamento humano e o processo que interliga suas ações. Ela também pretende conceituar a sociedade a partir do ambiente que vive. Segundo Levy et al., (1950) conceitua Sociologia dizendo que é “um grupo de seres humanos que compartilham de um sistema autossuficiente de ação, o qual é capaz de existir mais tempo do que o próprio período de vida de um indivíduo” (LEVY et al., 1950, p.43).

Ela possibilita a percepção do mundo que os rodeia o ser humano, observando situações e comportamentos que parecem simples, mas que na sociologia são fenômenos que compreendem fatos históricos, sociais e emocionais.

A “identidade e continuidade de uma sociedade persistem e são inerentes no sistema de ação em que os atores participam [...]. Uma sociedade poderia, concebivelmente, sobreviver” Aberle (1950 apud MORRISH, 1975, p.44). Perceber sua concepção consiste em entender o homem e suas ações por ser sustentada a partir de atitudes vivenciadas e repetidas pelo outro, ou seja, isso corresponde à ação social. Tal ação é de cada indivíduo transformado pela situação em que cada um vive.

A ação que é movida pelo indivíduo que constrói sua vida individual, depois do conhecimento de si, vai para a coletividade, como assegura Boneti (2008, p. 21) de um “processo de sequências de acontecimentos provocados por uma cadeia de motivação”.

Reconhecer a escola como espaço social é algo que vem sendo estudado pelos sociólogos e educadores, a exemplo de John Dewey (1916), um dos primeiros a reconhecer a importância da relação fundamental entre a escola e a

sociedade. A concepção social da educação levou Durkheim (1956, p. 70) a argumentar que “não havia apenas uma forma de educação, ideal e real, mas numerosas formas; na verdade, havia tantas formas diferentes de educação quantos os milieux diferente de uma determinada sociedade.”

A Sociologia investiga a educação, que por sua vez, investiga, observa e analisa a atividade humana no seu ambiente e “investiga a educação como instituição” que parte de uma necessidade humana e pode ser investigada como instituição. (BONETI, 2008, p. 6).

Ainda segundo Boneti (2008, p. 6), a Sociologia tem “a educação como campo investigativo considerando que qualquer atividade humana constrói e é construída por processos educativos”. Ou seja, a Sociologia e a educação caminham juntas as duas tem sua contribuição importante para a sociedade. Mesmo a educação constituída por aprendizado, passados de geração em geração, traz uma representação empírica, que é representada pela sociologia. As ideias da teoria funcionalista pensam a sociedade como um corpo humano, onde tudo deve estar bem para que funcione regularmente. Assim seria um conjunto de vários espaços interligado entre si possibilitando o funcionamento.

“Através da educação, o ser transforma-se em social, mas a partir de uma homogeneidade relativa nas sociedades caracterizadas pela divisão do trabalho social” (DURKHEIM, 2010, p.15). Adiantando que cada pessoa tem a sua função estabelecida e para sair do individual e tornar-se coletivo, deve compartilhar suas conquistas. Cada sociedade fixa certo ideal de homem, do que ele deve ser do ponto de vista intelectual, físico e moral, sendo esse ideal o próprio polo que norteia a educação. A sociedade só pode viver “se existir entre seus membros uma suficiente homogeneidade” (DURKHEIM, 2010, p.15). Assim, o individuo percebe a educação que o rodeia e cria estratégias para alcançar uma unidade comum.

A concepção social do homem pode ser concebida através das relações que estabelecem com o outro e consigo mesmo desde o nascimento. O convívio e a interação dele acontecem desde os primeiros minutos de vida, já que “o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança” (REGO, 1995, p.76). O ser humano nasce e estabelece nos primeiros momentos de vida a sua interação com o meio através do choro, riso, olhar, a partir do que ele deseja ou não. Para Zabala (1998, p. 93), as relações interativas facilitam o aprendizado. Essa relação de aprendizado vem a partir do respeito e compreensão do outro. Sendo assim, a partir do seu nascimento, a interação acontece o que representa uma parcela da sociedade enquanto sujeito social.

O ser humano é um misto de físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria vygotskyana, que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas (FREITAS, s.d., p. 96).

A interação social na perspectiva sócio histórica permite pensar em um ser humano propício mudanças, como nos fala Martins (1992, p.116), sendo ele o causador de tal concepção que pode gerar situações de mudança social. Ela também é condição necessária para o desenvolvimento de uma sociedade. Por meio deste processo o sujeito se torna sociável e adquire comunicação, tornando a sociedade um sistema de símbolos, valores, normas adquiridas ao longo das conquistas e interações trazidas ao longo da história.

No espaço escolar a interação social torna-se algo importante para o desenvolvimento dos ambientes, lugar onde dificilmente é possível prever o que pode acontecer voltados para atitudes diárias de crianças que geram conflitos e são suscetíveis a equívocos. Assim sendo, os profissionais da educação que as acompanham precisam “oferecer ajuda adequada, no processo de construção, para que o aluno possa enfrentar obstáculos pelos quais se depara” (ZABALA, 1998, p. 92). Além de formar cidadãos autônomos e capazes de resolver seus conflitos através do diálogo.

Entender a educação como processo de participação e interação e realizá-la no espaço como a escola, onde há inúmeras pessoas com histórias de vida diferentes e que carrega sua bagagem histórica e familiar suas raízes e defende-as, é complexo e bastante difícil. Mesmo assim, a escola busca essa convivência e interação.

Aprender requer troca de conhecimento e segundo Zabala (1998) é indispensável que haja um clima e um ambiente adequado para que o aprendizado flua. A criança precisa perceber o espaço escolar como um lugar de troca de experiências e que nele se iniciam as primeiras amizades e o convívio social. O convívio harmonioso entre os alunos e professores no espaço escolar deve acontecer em todos os ambientes para que reflita socialmente na sala de aula através do planejamento das aulas dos professores, enriquecendo o ambiente físico, social e cognitivo.

As interações estabelecidas na sala de aula são inevitáveis, no entanto, as mesmas devem acontecer de maneira respeitosa para estabelecer uma boa convivência entre os alunos e entre alunos e o

professor. O processo de ensino e aprendizagem depende de uma boa relação entre ambos, é nessa interação social que a criança desenvolve o cognitivo, ampliando, assim, sua maneira de agir e interagir no meio em que vive.

A maneira que cada criança busca aprendizado tem suas características, provando que o processo cognitivo de cada criança é diferente. Nas interações e intervenções é preciso perceber constantemente situações de aprendizagem, sendo que elas “dependem das características singulares de cada aprendiz” (ZABALA, 1998, p. 34). O professor tem o papel fundamental na interação social “onde o processo de ensino e aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre pessoas”, e nas escolas esse contato acontece com frequência trazendo experiências sociais no cotidiano. (TASSONI, 2000, p. 6). A partir dela o aluno pode conquistar novos desafios, lembrando que o professor serve de mediador desse processo.

É preciso perceber que o desafio ao “ensinar envolve estabelecer uma série de relações”, e nessa perspectiva de relações e troca envolve-se as interações entre professor/aluno, aluno/aluno. A partir disso, o envolvimento estabelece as relações e o aprendizado acontece, informação passada por Zabala (1998, p. 90). As interações na sala de aula são necessárias para desenvolver habilidades das crianças no que sintam dificuldade, mas que em meio à dificuldade consiga se desenvolver por ter alguém em quem possa confiar. O profissional de educação deve estar atento para passar essa segurança às crianças em sala. Interação, troca e confiança. “As relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o seu planejamento” (ZABALA, 1998, p. 92).

Por fim, a Sociologia traz aspectos pontuais da vida em sociedade e alguns autores trazem essa perspectiva de maneira clara como John Dewey (1916) que defende a evolução da sociedade. Nesse contexto, defende a posição em que a Sociologia e a educação devem caminhar juntas, pois entender o processo histórico, perceber atitudes e desenvolvimento do ser humano são objetivos dessa ciência, apesar da educação ter suas conquistas em relação ao desenvolvimento humano educacional e social por percebe o crescimento e a evolução.